



MAYOMBE: o Movimento nacionalista na formação da Angola independente

Pietro Gabriel dos Santos Pacheco¹

1 O CONTEXTO DA OBRA

E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram.
Camões, Lusíadas, Canto I.

A ideia de renovação e ampliação do império, contida no canto primeiro dos Lusíadas, de Camões, reflete na manutenção dos propósitos colonialistas em solo africano, sobretudo após a perda das Índias e do Brasil. O século XX significa, para vários países europeus, o período de presentificação das maiores potências em África.

Portugal, sem exceção, detém, até 1974, os seguintes territórios: Ilhas do Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Guiné-Bissau, Quênia, Zimbábue, Argélia e Angola. Objeto de nosso estudo, essa última até meados do século XIX será uma importante fonte de mão-de-obra escrava.

A presença portuguesa, entretanto, era quase mínima, visto que na pirâmide social estavam intelectuais, letrados, degradados de Portugal e do Brasil, criminosos comuns (condenados a viver nos territórios ultramarinos) e comerciantes de escravos, principalmente em Luanda e Benguela. Dados melhor apontados pelo professor de economia Solival Menezes afirmam que: “Em Angola, a presença portuguesa terá quase que duplicado num espaço de cerca de 40 anos, passando de cerca de 13.000 colonos em 1918, para mais de 58.000 em 1930. Todavia, nessa altura, não chegavam a representar 2% da população total” (MENEZES, 2000, p. 54).

¹ Mestrando em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande dos Sul. É especializado em Literatura Brasileira e graduado em História, ambos os títulos vinculados pela PUCRS. E-mail: prof.pietropacheco@gmail.com

A motivação para o crescimento populacional de portugueses está na justificação e legitimação do controle sobre a colônia. Essa política de povoamento irá acentuar um regime de diferenciação entre os cidadãos e os não-cidadãos. Até a Segunda Guerra Mundial, a presença europeia em território africano era constante, porém, com o seu fim e a queda das políticas ditatoriais, vem a expropriação do território e abre-se margem para a independência das colônias, sobretudo localizadas no sul da África.

Entretanto, no caso português, ocorre o oposto, é mantida uma posição de neutralidade tanto durante, quanto após o período destacado. Visando continuar se apropriando dos recursos que provinham de suas colônias, o estado lusitano decide alterar o *status* dos territórios dominados, como observa Pearce:

Em 1951, Portugal alterou o estatuto de suas colônias para províncias ultramarinas, num esforço para evitar pressões internacionais no sentido de iniciar o processo de descolonização. Em 1954, o *Estatuto do Indígena* codificava um sistema de cidadania organizada em dois níveis, que concedia direitos a um conjunto restrito de assimilados e excluía a maioria indígena (PEARCE, 2017, p. 57).

Com a Guerra Fria, vem a polarização política entre as duas maiores potências mundiais: Estados Unidos e o seu capitalismo, e a União Soviética, com seus ideais socialistas. As ideias do primeiro influenciaram na política de neocolonialismo português e, em contrapartida, em Angola e outras regiões africanas, penetravam as ideias do segundo. A influência de uma política social com base no bem comum a todos, motivou membros jovens da elite a se reunirem para traçar um caminho rumo à independência do jugo português. A falta de unidade que marca esses grupos é notada quando a própria divisão territorial não respeita os limites étnicos existentes, obrigando a conviver com diferentes grupos culturais e encontrar com eles certas particularidades. Voltando ao professor Meneses:

As demarcações oficiais de fronteiras (estabelecidas, através de acordos com antigos colonizadores europeus e respeitadas pelos governos das atuais nações independentes) não coincidem com as 'fronteiras étnicas', contribuindo para que diferentes povos transitem [...], de um lado para outro das fronteiras oficiais, aumentando ou diminuindo a população de certas regiões (MENEZES, 2000, p. 98).

A distribuição territorial dos habitantes de Angola, sempre foi uma questão administrativa difícil. Tanto pela sua composição étnica que englobava algumas tribos dentro de um mesmo espaço, quanto pelos fluxos migratórios que compõem a

história angolana. Essa pluralidade irá refletir nos diversos tipos de grupos nacionalistas que, em nome de uma ideal mobilização anticolonial, irão plantar ideias de mobilização social em prol de uma Angola comandada para e por angolanos. Esse sentimento é iniciado ainda na primeira metade do século XX por dois grupos de estudantes da elite que começam a se organizar e arquitetar os mecanismos para a independência territorial.

Surgem dessas reuniões dois grandes grupos: o MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola)² e a UNITA (União nacional para a Independência Total de Angola)³ que passam a combater a ameaça portuguesa, cada qual com seus métodos de guerrilha, porém contendo, em ambos os casos, um mesmo ideal. Entretanto, essa noção de nacionalidade não ocorria de maneira consciente e outros fatores pesavam para a adesão a esses grupos, por parte da população inculta, como vemos na citação a seguir: A maioria decidia o seu apoio com base em quem melhor poderia providenciar alimentos e bens, a favor de quem ocupasse a área onde viviam durante a independência, ou de quem demonstrasse maior capacidade de gerir a administração (PIERCE, 2017, p. 10).

Ter um grupo nacionalista no poder era mais positivo do que permanecer subjugado pela mão dos portugueses que tomaram as terras e as riquezas que por direito eram dos primeiros habitantes, estes agora reduzidos a um trabalho quase escravo e subalterno. Era necessário que houvesse a formação de um grupo capaz de conter a ameaça lusitana, porém devido à distribuição mal elaborada do território pelos colonizadores, a tarefa tornava-se um tanto complicada.

O problema maior estava na divisão geográfica que não respeitou os limites étnicos dos africanos, o que levou, no momento de luta armada, à proliferação de grupos populares de resistência que brigariam pelo controle e organização do território.

²Surgido em meados da década de 1960, o MPLA foi um grupo de origem marxista que lutou pela independência de Angola do jugo português. Atualmente, é um partido político e vem desde 1975 comandando o país (SCHUBERT, 2013, p. 79).

³Surgido também na década de 1960, a União Nacional para a Independência Total de Angola forma a oposição do MPLA. É considerado um grupo considerado <rebelde> por assumir um caráter mais violento e controlador (SCHUBERT, 2013, p. 79).

Novamente, em Menezes, “as razões para a formação de guerrilhas nacionalistas podiam ser de ordem tribal, racial, ou por mera ambição pelo poder” (2000, p. 170).

Não obstante, a construção só seria possível com a expulsão daqueles que subjugaram e escravizaram os negros durante anos: era fundamental que a presença portuguesa fosse apagada. Com um denominador comum, esses movimentos encontravam elementos de identificação. E quando tratamos do assunto, um dos teóricos-base para a compreensão é Stuart Hall, que nos aponta que:

Presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através de parentesco e da linguagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência (2008, p. 28).

O nascimento não poderia ser apenas o fator predominante, pois muitos portugueses também haviam nascido na África; a partir disso, passou-se então a pensar na questão de pertencimento por parte do gene africano. E isso legitimava o direito de pertença. A terra era dos negros e precisava ser conquistada. Ainda em Hall (2008),

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua ‘autenticidade’ (p. 29).

Com a identificação vem a mobilização. Face às tensões coloniais, na MetrÓpole, o peso da mão de Salazar pesava sobre as colônias e as guerras, em um primeiro momento, foram controladas. Entretanto, a cada passo rumo à democratização portuguesa, mais perto da independência esses grupos chegavam e mais violentos esses conflitos se tornavam.

2 AUTOR, NARRADOR E NARRATIVA DE MAYOMBE

Artur Carlos Maurício Pestana, de codinome Pepetela, nasceu em Benguela, cidade angolana, em 1941. Licenciado em Sociologia, no período de exílio, foi guerrilheiro do MPLA, além de político e governante. Suas obras principais *As Aventuras de Ngunga* e *Mayombe* foram escritas no período de conflito com os portugueses.

Atualmente, dedica-se à vida acadêmica, como professor na Universidade Agostinho Neto, em Luanda.

A primeira obra, em destaque acima, escrita em 1972 e publicada no ano seguinte como cartilha mimeografada pelo MPLA, não nasceu partindo de uma necessidade estética, mas sim, devido a carência de livros e textos de apoio que pudessem ser lidos pelos nativos. Logo, a narrativa possui um caráter didático, sendo usado após a independência de Angola, no ano de 1975. No romance, mais do que mostrar um guerreiro que luta pela liberdade de seu povo, tem-se a projeção, através de Ngunga, do justiceiro ideal, herói que combate as mazelas acometidas não apenas pelos colonizadores, mas também pelos próprios angolanos.

Isso nos leva a pensar: até que ponto a literatura permanece ficcional, e quando ela deixa de ser elemento imaginativo e torna-se possível fonte documental, mesmo que parcialmente? Citando como possível resposta, utiliza-se o conceito de Roland Barthes, “as espacialidades da narrativa literária não figuram apenas como acessório ou como escravas do discurso narrativo, mas como potencialidades que podem descortinar ideologias sendo revistas, desmascaradas e problematizadas”. É preciso analisar as entrelinhas, os elementos reais que se apresentam no texto, as formas de discurso que ultrapassam o limite do imaginário e fornecem ao leitor uma experiência intertextual e concreta de leitura (BARTHES, 2004, p. 181-198).

Seguindo essa linha, outro teórico que nos oferece uma base de compreensão é o professor Carlos Reis. Segundo ele, a motivação estética da *belle letre*, que está na essência, encontra-se inserida num campo mais vasto, trazendo em si certos significados socioculturais e históricos – um ponto de vista institucional, onde “a estética da palavra não se encontra de maneira isolada, porém em constante diálogo com outras estruturas” (REIS, 2002, p. 22). A história e a literatura passam a dialogar, cada uma com sua proposta, mas nenhuma anulando a outra. Elas convergem e possibilitam aos seus pesquisadores que encontrem elementos pertinentes para a sua compreensão.

Já na segunda obra, e fruto deste trabalho, temos por princípio a multiplicidade de personagens que convivem em um mesmo ambiente. Pessoas diferentes, porém,

que possuem um objetivo em comum: acabar com a ameaça do português e assegurar a libertação angolana. A estrutura narrativa em *Mayombe*, publicado originalmente no ano de 1979, é homodiegético, evidenciando um narrador-personagem, mas não de voz uníssona, pois este contador dá espaço e voz para as demais personas da obra. Com isso, é possível notar uma história linear, com elementos discursivos particulares que apontam para a pluralidade cultural dos envolvidos.

Sabemos logo nas primeiras páginas que a maioria deles não é oriundo da selva. Alguns vieram de espaços urbanos, outros nunca haviam pegado em armas antes da convocação para a guerrilha. A consciência de sua realidade iniciou-se a partir da possibilidades de qualificação de estudantes que provinham de origem ultramarinas, na cidade de Lisboa, sobretudo pelo benefício fornecido pela Casa dos Estudantes do Império. Uma vez em Portugal, a juventude intelectualizada, com o projeto *Vamos descobrir Angola*⁴, passou a externar sua indignação e deixar para trás a subalternidade provocada pelo colonialismo, onde muitos foram calados e reprimidos. A necessidade de se afirmar através da fala, saindo assim da condição de colonizado, vai tomando forma com indivíduos ativos que buscavam reconstituir o sentimento de angolanidade perdido, reconstruindo a nação arrasada pelos portugueses.

Ao regressarem para Angola passam a disseminar as ideias e pensar formas de acabar com a dominação. Destas reuniões é que surgem os movimentos populares de resistência MPLA e UNITA. Em 1961, acontece o primeiro ataque e, a partir dele, outros novos. “Ninguém pode ser livre quando se tem uma revolução para fazer” (PEPETELA, 2018, p. 193). A guerra era inevitável e em pouco tempo, o conflito atingiu proporções gigantescas. Para não voltar a condição de escravo, pegar em armas se tornava questão primordial. Como contra-ataque, a Metrópole toma as seguintes posições:

⁴ Em 1948 o movimento literário-cultural *Vamos descobrir Angola* constituiu-se num postulado e mesmo numa posição política de jovens intelectuais da época em relação à negação sistemática dos valores do povo angolano ou das diversas nações angolanas pelo colonialismo. A revista *Mensagem* em seu segundo número vai dar voz a este postulado e ao Movimento dos novos intelectuais de Angola, como “um activo agrupamento literário em que militam alguns dos valores mais expressivos da moderníssima geração angolana” (SANTOS, 2015, p. 154)

Portugal fecha, na metrópole, a Casa dos Estudantes do Império e a Associação dos escritores. Fecha toda a entidade cultural democrática, em Angola [...] Destroí as editoras e as gráficas. Proíbe a circulação da literatura angolana e leva para lá apenas os textos de qualidade inferior, comerciais, que não interessam à Europa. Enchem-se as prisões e o Tribunal Militar de Angola passa a um desempenho intenso. Renova-se a mentalidade de que a história angolana é a portuguesa [...] Entretanto, o tempo, a consciência e, sobretudo, o sentimento já não são os mesmos e a guerrilha pela libertação ganha a colônia (TUTIKIAN, 2006, p. 95).

A guerra era necessária para alcançar a independência e encontrar a paz que Angola durante séculos não encontrou. E o ataque de Portugal uniu ainda mais os revoltosos. Um dos pontos de reunião dos guerrilheiros era a floresta de Mayombe, que dá título à obra. Uma faixa que compreende parte da República Democrática do Congo, Angola, e Gabão. Pepetela, logo nas primeiras páginas nos mostra sobre a região. Ele diz:

O Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira. Clareira invisível do alto, dos aviões que esquadriavam a mata, tentando localizar nela a presença dos guerrilheiros. As casas tinham sido levantadas nessa clareira e as árvores, alegremente, formaram uma abóbada de ramos e folhas para as encobrir. Os paus serviram para as paredes. O capim do teto foi transportado de longe, de perto do Lombe. Um montículo foi lateralmente escavado e tornou-se forno para o pão. Os paus mortos das paredes criaram raízes e agarraram-se à terra e as cabanas tornaram-se fortalezas. E os homens, vestidos de verde, tornaram-se verdes como as folhas e castanhos como os troncos colossais (PEPETELA, 2018, p. 67).

Assim como a floresta, os soldados também adquiriam a coloração e potência de Mayombe. Eram verdes como a vegetação e fortes como os troncos. Ou precisavam ser. É nela que os planos acontecem, os sonhos se constroem e as tentativas e falhas moldam o caminho dos soldados. Para ganhar é preciso se preparar, ser um, apesar das diferenças. Maior do que a cultura das diversas tribos colocadas dentro de um mesmo território, era o companheirismo e o sentimento de liberdade. Uma vez colocados em situação de convivência tornava-se fundamental o contato com o outro, mesmo que isso expusesse as feridas e segredos de cada um dos combatentes. Alteridade absoluta.

Não obstante, a construção só seria possível com a expulsão daqueles que subjugaram e escravizaram os negros durante anos: era fundamental que a presença portuguesa fosse apagada. Com um denominador comum, esses movimentos encontravam elementos de identificação. Entretanto, esta relação não excluía a desconfiança por parte de alguns, como o caso de Teoria, uma das

personagens que descreve suas dúvidas quanto a real intenção dos companheiros, como observa-se a seguir:

Teoria sentia que Comandante também tinha um segredo. Como cada um dos outros. E era esse o segredo de cada um que fazia combater, frequentemente por razões longínquas das afirmadas. Por que Sem Medo abandonara o curso de economia, para entrar na guerrilha? Por que o Comissário abandonara Caxixo, o pai velho e pobre camponês arruinado pelo roubo das terras de café, e viera? (PEPETELA, 2018, p. 17).

Teoria, antigo professor que abandonou a profissão para se ligar ao Movimento de guerrilha é um híbrido, ou seja, não possui sangue só angolano, ou português, mas sim dos dois, com isso, mostrando-se em conflitos internos e necessidade de autoafirmação ao longo da narrativa. Ainda sobre o personagem híbrido, antigo professor que se vincula ao MPLA tem questões que perpassam a homogeneidade do angolano, uma vez que o mesmo não possui traços apenas africanos, mas também portugueses.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não, para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não (PEPETELA, 2018, p. 14).

Em um momento de exigência da pureza, ter combinação em seu gene formador poderia ser visto como um problema. Seria necessário para ele mostrar qual lado ocupa e qual é o seu verdadeiro ideal. Até mesmo o talvez precisa de uma posição. O mundo, conclui, é maniqueísta. Outras personagens também compõem a obra, cada qual com seus dilemas e demônios internos que, se mostram sempre quando a intimidade entre os soldados acontece. É no contato com o outro que revelamos quem realmente somos, principalmente o quão maus podemos ser.

A obra, na mesma proporção em que fala sobre os comprometimentos de cada um dos guerreiros e de como eles, em grupo, interagem no contexto da guerra pela independência, evidencia o nível de consciência e as ações correspondentes a cada indivíduo que, assim como o homem pode ser corrompido por seu egoísmo. Em alguns momentos, podemos notar o tom de denúncia presente no romance, sobretudo contra a corrupção que pode estar instalada entre os próprios angolanos, mostrando que a construção de um país renascido não aconteceria somente com a expulsão dos colonizadores, mas sim a partir do combate às velhas mentalidades.

Com a identificação vem a mobilização. Face às tensões coloniais, na Metrópole, o peso da mão de Salazar pesava sobre as colônias e as guerras, em um primeiro momento, foram controladas. Entretanto, a cada passo rumo à democratização portuguesa, mais perto da independência esses grupos chegavam e mais violentos esses conflitos se tornavam. A visão dos africanos sobre os brancos muda e a força imperialista que estava entranhada no modo de vida português agora é reduzida a nada. O novo governo na Metrópole e a visão de uma nova realidade motivam os nativos a lutarem e muitos morrerem pela sua liberdade. Lutamos, que era cabinda, morreu para salvar um kimbundo. Sem Medo, que era kikongo, morreu para salvar um kimbundo. É uma grande lição para nós, camaradas (PEPETELA, 2018, p. 232).

Neste sentido, *Mayombe* é exemplar, pois o autor dedica “aos guerrilheiros do Mayombe, que ousaram desafiar os deuses abrindo um caminho na floresta obscura” (PEPETELA, 2018, p. 3), o livro. Mais do que lembrar, a produção é uma forma de recordar os esforços realizados pelos membros do MPLA e uma forma de não esquecer daqueles que lutaram na Guerra Colonial.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. *Mímesis* – a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BARTHES, Roland. O efeito do real. In _____. **O Rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; PAREDES, Marçal de Menezes. **Depois dos Cravos**: Liberdades e independências. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Minas Gerais: UFMG, 2008.
- MENEZES, Solival. **Mamma Angola**: Sociedade e Economia de um País Nascente. São Paulo: Edusp, 2000.
- NETO, Maria da Conceição. Maria do Huambo: Uma vida de “indígena”. Colonização, estatuto jurídico e discriminação racial em Angola (1926-1961). In **África**: Revista do centro de estudos africanos. São Paulo: USP, 2005, p. 119-127.
- PEARCE, Justin. **A Guerra Civil em Angola**: 1975-2002. Lisboa: Tinta da China, 2017.

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: Leya, 2018.

REIS, Carlos. **O Conhecimento da Literatura**: uma Introdução aos Estudos Literários, 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas**: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.